

## ENCONTRO COM SILVIO TENDLER: GEOGRAFIA, CINEMA E VIDA

*APPOINTMENT WITH SILVIO  
TENDLER: GEOGRAPHY, CINEMA  
AND LIFE*

*ENCUENTRO CON SILVIO  
TENDLER: GEOGRAFÍA, CINE Y  
VIDA*

Rodrigo Fernandes  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
rodrigogeo77@gmail.com

### Resumo:

Documentarista e historiador, Silvio Tandler (Rio de Janeiro, 1950) possui uma obra cinematográfica vasta e com inegável apelo geográfico. Dois de seus filmes tratam da vida e obra de geógrafos brasileiros do mais alto relevo: Josué de Castro e Milton Santos. Seu encontro com Santos, admite esse artífice, terá um impacto indelével e permanente em sua vida e seu cinema. Pois, na entrevista em tela, tratamos dessa influência, das vivências do chamado “cineasta dos sonhos interrompidos” em sua cidade natal e no mundo e empreendemos um voo ao mesmo tempo panorâmico e sintético sobre sua filmografia de mais de 80 títulos. Para isso pedimos que o diretor comentasse produções, previamente selecionadas, que exploram explicitamente conceitos caros à ciência geográfica, como terra, território, meio ambiente, globalização, urbanização e agricultura. Ao final, após revisitar sua própria obra por outra perspectiva, Tandler é taxativo: “eu sou um geógrafo. Eu sou”.

**Palavras-chave:** geografia, cinema, documentário, Silvio Tandler, Milton Santos.

Terra Livre	São Paulo	Ano 40, v.1, n.64, jan-jun 2025	ISSN: 2674-8355
-------------	-----------	---------------------------------	-----------------



Este trabalho está licenciado com <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

**Abstract:**

Documentarist and historian Silvio Tendler (Rio de Janeiro, 1950) has a vast cinematographic work with undeniable geographic appeal. Two of his films deal with the life and work of highly respected Brazilian geographers: Josué de Castro and Milton Santos. His encounter with Santos, this craftsman admits, will have an indelible and permanent impact on his life and his cinema. In the interview on screen, we discuss this influence, the experiences of the so-called “filmmaker of interrupted dreams” in his hometown and around the world, and we undertake a panoramic and synthetic flight over his filmography of over 80 titles. To this end, we asked the director to comment on previously selected productions that explicitly explore concepts dear to geographic science, such as land, territory, environment, globalization, urbanization and agriculture. In the end, after revisiting his own work from another perspective, Tendler is categorical: “I am a geographer. I am.”

**Keywords:** geography, cinema, documentary, Silvio Tendler, Milton Santos.

**Resumen:**

Documentalista e historiador, Silvio Tendler (Río de Janeiro, 1950) tiene una vasta obra cinematográfica de innegable atractivo geográfico. Dos de sus películas abordan la vida y obra de los más importantes geógrafos brasileños: Josué de Castro y Milton Santos. Su encuentro con Santos admite este artesano, tendrá un impacto indeleble y permanente en su vida y en su cine. En la entrevista en pantalla hablamos de esta influencia, de las vivencias del llamado “cineasta de sueños interrumpidos” en su ciudad natal y en el mundo y realizamos un vuelo a la vez panorámico y sintético sobre su filmografía de más de 80 películas. Para ello, solicitamos al director que comentara producciones previamente seleccionadas que exploran explícitamente conceptos queridos por la ciencia geográfica, como tierra, territorio, medio ambiente, globalización, urbanización y agricultura. Al final, tras revisar su propia obra desde otra perspectiva, Tendler es categórico: «Soy geógrafo. Lo soy».

**Palabras-clave:** geografía, cine, documental, Silvio Tendler, Milton Santos.

## Introdução

Nascido na cidade do Rio de Janeiro em 1950, Silvio Tendler é um dos mais prolíficos cineastas do país, com mais de 80 títulos como diretor e/ou produtor. Adolescente *habitué* dos cineclubes cariocas, ele molda sua carpintaria filmica em períodos vividos no Chile e na França. Nesse último país forma-se em História pela Université de Paris VII (1975) e obtém o Mestrado em Cinema e História pela École des Hautes-Études/Paris VII-Sorbonne (1976). De volta ao Brasil, em um período de quatro anos, dirige as três maiores bilheterias do cinema brasileiro no gênero documentário: “Os anos JK - Uma trajetória política” (1980), “O mundo mágico dos Trapalhões” (1981) e “Jango” (1984). Dois títulos de sua larga filmografia, especializada em filmes de arquivo, exploram a vida e a obra de dois geógrafos brasileiros de projeção internacional: Josué de Castro (em “Josué de Castro-Cidadão do Mundo” de 1994) e Milton Santos (“Encontro com Milton Santos: o mundo global visto do lado de cá” foi lançado em 1997). Seus encontros com Santos serão especialmente marcantes e sinalizam um ponto de virada para o cineasta. “Foi a melhor entrevista da minha vida”, assume ele, para depois completar: “Milton Santos mudou minha vida e meu cinema”. Para além desses longas cinebiográficos, Silvio, um artifice fortemente identificado com o espectro político de esquerda, discute em seus filmes temas e conceitos caros à ciência geográfica como terra, território, meio ambiente, globalização, urbanização e agricultura. Na presente entrevista o documentarista fala de suas vivências no Rio de Janeiro e no mundo para depois nos acompanhar em um voo panorâmico sobre a parcela mais “geográfica” de sua obra. Ao revisitar tais filmes, o próprio Tendler se surpreende pela geografia que permeia os mesmos e coloca-se, enfim, como um cineasta que é também geógrafo. Pois, screditamos que diálogos desse tipo, que aproximam arte e ciência, resultam em comunicações com múltiplas possibilidades teóricas, metodológicas e didáticas. Falar e ouvir também é fazer geografia.

Entrevista concedida no apartamento do cineasta, em Copacabana, Rio de Janeiro, em 27 de março de 2025. Agradecimentos especiais a Silvio Tendler e Ana Rosa Tendler pela disponibilidade e cordialidade.

**Rodrigo Fernandes:** Silvio Tandler, autodefinido anarco-castrista-markeriano<sup>1</sup>.

**Silvio Tandler:** Isso foi há muitos anos, agora eu sou um utopista. Basta uma palavra para me definir. Naquela época, mais jovem, eu era mais preciso, mais enquadrado com os tempos. Agora eu simplifiquei para utopista. Um amigo me definiu como “cineasta dos sonhos interrompidos”.

**Rodrigo Fernandes:** Arnaldo Carrilho, o embaixador.

**Silvio Tandler:** Ele conseguiu entender minha obra melhor que eu. Eu não entendia qual era o elo entre Jango, JK, Marighela, Glauber, Castro Alves, Josué de Castro...<sup>2</sup> Todos morreram jovens, antes de realizar seus sonhos. Aí eu resolvi ser um utopista. Aquele cara que está numa caminhada em busca de um destino, mas esse destino é como o arco-íris, nunca é atingido.

**Rodrigo Fernandes:** No filme autobiográfico “Nas asas da Pan-ram” (2020) você diz que Copacabana é a sua pátria. É o que na geografia humanista a gente define como lugar. Onde estão nossos maiores afetos, onde a gente se sente mais em casa.

**Silvio Tandler:** Exatamente, lugar. Esse lugar é Copacabana. Eu percebi isso por que eu morei fora do Brasil até 1976. Quando eu voltei, com 26 anos, vim passear em Copacabana e vi que minha casa era aqui. Defini que minha casa era Copacabana.

**Rodrigo Fernandes:** Você nasceu em 1950 no bairro da Tijuca, Zona Norte do Rio de Janeiro. Família de classe média

**Silvio Tandler:** Isso. Classe média. Cresci na casa da minha avó na Tijuca, mais precisamente em Aldeia Campista. Minha mãe era médica e deixava eu e meu irmão lá para poder ir trabalhar. Passei

---

<sup>1</sup> Em entrevista à Melhy, em 2020 (p.31), Tandler explica: “Anarco porque sou mesmo meio anarquista; Castrista porque eu mantenho simpatia pela Revolução Cubana; e Markeriano porque elegi Marker meu guru em matéria de cinema...”.

<sup>2</sup> Todos esses ganharam cinebiografias pelas mãos do cineasta. Informações sobre a filmografia tandleriana ver <https://caliban.com.br/filmografia> Acesso em: 28 mar. 2024.

a infância lá, onde as casas tinham paredes ásperas. Soltando pipa, brincando de amarelinha, comprando estalinho na quitanda do “Seu” Lopes.

**Rodrigo Fernandes:** Depois você vai viver nessa maravilha de cenário que é Copacabana, mas não se deixa seduzir pela paisagem. Ao invés da contemplação do Rio-Bossa Nova dos anos 1960 – um Rio artístico, boêmio, romântico – você parte para a reflexão crítica.

**Silvio Tandler:** As duas coisas caminham juntas. Eu curti muito esse Rio Bossa-Nova. As reuniões artístico-políticas, os saraus, eram na casa da Nara Leão, aqui na Av. Atlântica. O bar da moda quando eu tinha dezoito anos, era aqui na Av. Atlântida, o Limão Sul. A gente vinha das passeatas para beber caipirinha no Limão Sul, no Posto 6. Então, Copacabana tem um espaço nas lutas hedonísticas dessa geração. E a gente também atravessava para Ipanema, para o Barril 1800, para o Castelinho de Ipanema, para o bar Zeppelin, bar Varanda, bar Berro-d’água... Eu fui refletir, no dia 08 de outubro de 1967, na Pedra do Arpoador, a morte do Che Guevara. Então essas coisas se completavam muito.

**Rodrigo Fernandes:** Dava para transpor as fronteiras.

**Silvio Tandler:** A arte não tinha fronteiras. A gente ia para escola de samba no subúrbio, o povo do subúrbio vinha para cá. A Cinelândia era um espaço de luta e combate, de passeatas. Mas lá havia o bar Tangará, onde tinha as melhores batidas do Rio de Janeiro. Então o que seria a Comunidade Europeia hoje, naquela época, era o Rio de Janeiro. Uma cidade com um charme incrível, gostosa de viver.

**Rodrigo Fernandes:** Cosmopolita de fato.

**Silvio Tandler:** Era a melhor cidade. A arte vinha toda para o Rio. Os (artistas) baianos vieram para o Rio, os paulistas vieram para o Rio, os mineiros vieram para o Rio. Eles diziam: a arte só acontece se for no Rio de Janeiro. Os caras criavam nos seus estados, mas para fazer sucesso mesmo era no Rio de Janeiro. Teatro tinha o Opinião, tinha o Teatro Jovem, era tudo por aqui. Zicartola...

**Rodrigo Fernandes:** O histórico Beco das Garrafas...

**Silvio Tendler:** É aqui atrás. Saindo do prédio você está no Beco das Garrafas.

**Rodrigo Fernandes:** Você vive esse Rio de Janeiro intensamente. Mas sempre antenado com as questões do mundo. No seu filme sobre o Josué de Castro há uma citação desse geógrafo: “sou um homem interessado no espetáculo do mundo”<sup>3</sup>. Você também, não?

**Silvio Tendler:** Sou sim. Aliás, o Josué morava a três quadras daqui, na Viveiros de Castro. Copacabana era o centro do mundo. Há três quadras daqui... há duas, para ser mais preciso... Brigitte Bardot ficou hospedada. A gente ficava o dia inteiro lá embaixo para ver ela aparecer na janela.

**Rodrigo Fernandes:** A viu?

**Silvio Tendler:** Vi a Brigitte, sim, claro. Eu frequentava muito o Copacabana Palace que é aqui ao lado. Vi Charles Aznavour, Jacques Brel, Maísa, Nelson Riddle... Vi a fina flor da arte. Vi Milton Nascimento mostrando (a canção) *Travessia* à Henri Mancini. Tudo no Copacabana Palace. Era uma outra época, uma outra cidade. E isso não era incompatível com a política, com as passeatas, com o cineclubismo, com a ação contestadora da ditadura. Não era incompatível. Você podia ser de esquerda e podia ser feliz.

**Rodrigo Fernandes:** E de Copacabana você parou na União Soviética, em Cuba...

**Silvio Tendler:** Em 1973 fui à República Democrática Alemã, onde eu conheci o Santiago Álvarez, documentarista que fez minha cabeça. 1982 eu fui à Cuba, 1985 à União Soviética. Esse foi meu *tour* socialista.

**Rodrigo Fernandes:** Esteve na China?

---

<sup>3</sup> Ver MELO, Marcelo Mário de; NEVES, Teresa Cristina Wanderley (orgs). *Josué de Castro*. Brasília: Câmara dos Deputados, 2007.

**Silvio Tandler:** Não. Eu fui convidado, mas não fui, não.

**Rodrigo Fernandes:** Foi ao Vietnã também.

**Silvio Tandler:** Vietnã fui em 2003. Fui o único brasileiro a entrevistar o Giap. Vo Nguyen Giap. O Camarada Vo. Foi maravilhoso ir ao Vietnã, ver como era.

**Rodrigo Fernandes:** Você teve uma vida na Europa.

**Silvio Tandler:** Morei na França de 1972 a 1976, depois de 1990 a 1992. Estudei lá. Portugal estive em 1975, um ano depois da Revolução do Cravos. Viajei pela Europa inteira. Estive na Espanha Bélgica, Alemanha Ocidental, fui muito à Holanda atrás de material sobre o Joris Ivens<sup>4</sup>, que era holandês e o arquivo dele estava todo lá. Então estive na Holanda várias vezes. Estive na Bélgica, na Inglaterra, Itália, Suécia...

**Rodrigo Fernandes:** Falando em viagens, gostaria de propor agora uma viagem geográfica por sua filmografia. Selecionei alguns filmes que falam de geógrafos ou abordam temas caros à ciência geográfica e gostaria que você os comentasse.

**Silvio Tandler:** Vamos lá.

**Rodrigo Fernandes:** “Rondônia: viagem à terra prometida” (1986). Documentário para a série Caminhos da sobrevivência da TV Manchete. Um dos seus primeiros filmes.

**Silvio Tandler:** Essa série de documentários era dirigida e supervisionada por Washington Novaes e ele me convidou para fazer a parte de Rondônia. Eu não conhecia e fui conhecer. Eu disse: muito prazer, Rondônia, estou aqui! Fui ver a destruição da floresta, mas minha tese foi para um lado diferente. Porque o ser humano faz parte da geografia.

Ali encontrei pessoas que tinham terras que acabaram ocupadas. Eram expulsos e se viam obrigados a desbravar outras terras. Conheci um pai do Espírito Santo, que a filha fez saliência e casou

---

<sup>4</sup> Georg Henri Anton "Joris" Ivens (1898 - 1989) documentarista cuja obra cinematográfica possui forte abordagem social e política.

com um cara. Ele já não tinha mais terras porque os grandes fazendeiros do Espírito Santo haviam ocupado as suas. Eram terras boas. Então eles foram pegar terras em Rondônia para alojar a filha. Conheci uma família de cearenses, pai, mãe e oito filhos, que plantavam feijão no Ceará e não tinham mais nem futuro, nem destino. Foram até Cuiabá, até a Prefeitura de Cuiabá e se abrigaram pela Pastoral da Terra. Então, eles pegaram um ônibus pago pela prefeitura e foram para Rondônia tentar conseguir uma terrinha, sem saber o potencial da terra. Se dava feijão ou não dava. Eles não recebiam cursos, treinamento, nada. Chegavam lá em Rondônia e tinham que viver aquela realidade nova. Eu os acompanhei nesse filme.

**Rodrigo Fernandes:** Você viu a fronteira agrícola sendo criada, a fronteira agrícola viva.

**Silvio Tendler:** Viva e invasiva. Destruindo o Homem e a natureza. Conheci um cara que saiu da Bahia, vendeu um rádio e uma espingarda, comprou passagem, chegou em Rondônia. Conheci ele na porta do INCRA. O INCRA dizendo que não tinha mais terras para dar. Está no filme.

**Rodrigo Fernandes:** Em 1993 você faz o curta institucional “Viver em condomínio” onde, mesmo sem uma abordagem questionadora, você registra a condominização carioca. Vale como retrato de uma época.

**Silvio Tendler:** Foi uma época muito difícil. Das vacas magras do governo Collor. Um casal de amigos, amigos dos meus pais, tinha uma grande construtora, uma incorporadora que explorava também o lazer dos condomínios. Me pediram para fazer um filme baratinho. Assim que assinei o contrato falaram: queremos o padrão Silvio Tendler. Assinei um contrato para fazer baratinho, mas na hora de entregar tinha que ser padrão Silvio Tendler.

**Rodrigo Fernandes:** Queriam ouro pagando lata.

**Silvio Tendler:** Queriam ouro pagando nada! Foi um filme de 18 mil reais. Ou seja, nada. Aí alguns amigos me ajudaram a fazer essa maluquice. Entre eles contei com um grande fotógrafo, o Gustavo Hadba. Consegui fazer o filme e contar o que é a vida em um condomínio urbano: as velhinhas fazendo hidromassagem, a



garotada brincando.... É um filme que está super rentabilizado, até hoje é usado como propaganda.

**Rodrigo Fernandes:** O pensador francês Henri Lefebvre defende que existe guetos de pobres, mas também guetos de ricos<sup>5</sup>.

**Silvio Tandler:** Sim, sim. Esse era um gueto de classe média. Eram prédios no Flamengo, na rua Marquês de Abrantes. Não eram ricos, não. Mas eram prédios onde já havia uma preocupação com a rua. Tentava-se concentrar os filhos no condomínio. Lá vi que a garotada se juntava para fumar maconha escondida, atrás das quadras de esportes. Pelo menos era em um ambiente familiar.

**Rodrigo Fernandes:** Um ano depois você faz “Josué de Castro – Cidadão do Mundo” (1994). Geógrafo que do Brasil pensava o mundo.

**Silvio Tandler:** Um belo filme e um belíssimo personagem. O Josué é uma figura apaixonante. Para esse eu entrevistei Dom Helder Câmara, Darcy Ribeiro, Francisco Julião, Raquel de Queiroz, o presidente Mário Soares...

**Rodrigo Fernandes:** Chico Science...

**Silvio Tandler:** Chico Science também.

**Rodrigo Fernandes:** Foi filmando Josué que você conheceu Milton Santos?

**Silvio Tandler:** Foi. Eu fui à Paris para entrevistar o Abade Pierre que agora está sendo cancelado, mas naquela época era um herói. Era o homem do inverno de 1954. E agora acabaram com a fundação que levava o nome dele, acabaram com tudo. Aí eu conheci o Milton Santos que acabava de ganhar o prêmio Vautrin Lud e estava em Paris. Ficamos amigos e prometemos fazer um filme juntos. E fizemos, quando ele já estava morrendo.

**Rodrigo Fernandes:** Infelizmente todos aqueles temas que o Josué colocou no mapa continuam atuais, não? A fome, a ecologia, a paz...

---

<sup>5</sup> “Há vários guetos e tipos de gueto: os de judeus e os dos negros, os dos intelectuais ou dos operários. A seu modo, os bairros residenciais são guetos; as pessoas de alta posição, devida às rendas ou ao poder, vêm se isolar em guetos de riqueza (LEFEBVRE, 2001 [1968], p. 98).

**Sílvio Tandler:** Mais atuais que nunca. A questão das armas, as questões da natureza... Está tudo aí.

**Rodrigo Fernandes:** 1996 é o ano de “Conceição das crioulas: vestígios de quilombo”.

**Sílvio Tandler:** Esse foi um projeto junto à população de Conceição da Crioulas, distrito de Salgueiro, em Pernambuco. Os quilombolas precisavam conquistar suas terras. Era um processo de reforma agrária. Eles ganharam.

**Rodrigo Fernandes:** Nesse filme você trata do conceito que talvez seja o mais explorado na geografia contemporânea que é o território. Abrindo um pouco o mapa, nesse momento passamos por dois conflitos internacionais em que as raízes são questões territoriais: Israel-Palestina e Rússia-Ucrânia. Há muitos outros impasses e dilemas envolvidos, mas o cerne é territorial.

**Silvio Tandler:** Eu acho que essas disputas são mais culturais. O entendimento entre judeus e árabes é cada dia mais difícil e ucranianos e russos nunca se bicaram. Quando morava em Paris, nos anos 1970, já existia uma luta em plena União Soviética pela independência da Ucrânia. Houve um matemático famoso, Mykhailo Kravchuk, que propôs isso. Ficou preso durante muitos anos e acabou internado em hospícios. Só o que ele queria era a independência da Ucrânia.

**Rodrigo Fernandes:** Percebe-se que na sua filmografia você alterna a vida de grandes vultos e a vida dos invisíveis. Você aborda JK e Jango, mas também os quilombolas.

**Silvio Tandler:** Eu nunca tive preconceito com os grandes vultos. Na verdade, o cinema documental brasileiro sofreu uma forte influência da antropologia. Mas eu não ficava só filmando pescador ou camponês... Eu filmava presidente da república, eu filmava tudo que dissesse respeito à construção da dramaturgia que eu queria fazer. Eu fiz um filme sobre as pessoas que moravam em palafitas encomendado pelo prefeito Luiz Paulo Conde. Era sobre a reforma urbana que ele fez nas favelas do Rio nos anos 1990. Eu fui lá filmar. Subi favelas, entrei nas palafitas. E tudo isso para mim foi muito caro.

**Rodrigo Fernandes:** Essa alternância é intencional? Você pensa: abordei um grande personagem histórico, agora vou para um ator social marginalizado, periférico?

**Silvio Tandler:** Eu não penso nada, nunca. As coisas vão acontecendo. É a maré que me conduz. Não tenho nenhum filme que eu tenha previsto ou calculado que fosse acontecer daquele jeito, naquele momento.

**Rodrigo Fernandes:** Esse filme que você citou é o “Cidade Cidadã”, de 1998, sobre o projeto Favela-Bairro.

**Silvio Tandler:** Quem fez esse projeto foi o Sérgio Magalhães que depois foi presidente do Instituto dos Arquitetos do Brasil e na época era Secretário de Obras. Era muito bonito. Criar cidades onde eram favelas. Abrir as vielas, para o caminhão do lixo entrar, para a ambulância entrar...

**Rodrigo Fernandes:** Levar cidadania.

**Silvio Tandler:** Dar cidadania, dar Estado.

**Rodrigo Fernandes:** Em 2000, no curta metragem “Rio Republicano”, produzido para o Museu da República do Rio de Janeiro, você trata da grande reforma urbana do Pereira Passos no início do século XX.

**Silvio Tandler:** E depois eu faço um sobre o Oswaldo Cruz que é o outro lado da questão<sup>6</sup>. A revolta popular, a revolta da vacina, e a luta do cientista para debelar as endemias. É um filme muito interessante que mescla ficção e documentário. À medida que tinha muito poucos documentos visuais para falar do Oswaldo Cruz, eu trabalhei com atores. Tenho vários filmes que faço com atores, principalmente quando não tenho imagens. Para fazer o Castro Alves<sup>7</sup> só tinha 3 ou 4 fotos dele. Para o do Hipólito da Costa<sup>8</sup> também

---

<sup>6</sup> “Oswaldo Cruz – O médico do Brasil” (2003).

<sup>7</sup> “Castro Alves – Retrato falado do poeta” (1998)

<sup>8</sup> “Preto no Branco, a censura antes da imprensa” (2009)

usei atores. Aliás, esse é um senhor personagem: nasceu no exterior, na Província Cisplatina que depois virou Uruguai, foi estudar em Portugal, se enturmou lá com a alta hierarquia, entrou para a maçonaria e criou o primeiro jornal brasileiro, que nasceu em Londres, o Correio Braziliense.

**Rodrigo Fernandes:** Em 2001 você se encontra com o Milton Santos e essa entrevista dá origem ao filme “Encontro com Milton Santos: o mundo global visto do lado de cá”.

**Silvio Tendler:** Em 2001 eu filmei a entrevista. O filme sai em 2007.

**Rodrigo Fernandes:** Sem ter planejado você acabou conectando os dois mais proeminentes geógrafos do Brasil, porque você chega no Milton Santos através do Josué de Castro.

**Silvio Tendler:** Isso. Quem me apresentou o Milton Santos foi o Josué de Castro.

**Rodrigo Fernandes:** Até então você não conhecia o professor Milton?

**Silvio Tendler:** Nunca tinha ouvido falar. Quando fui à Paris entrevistar o Abade Pierre, que tinha sido amigo de juventude e de lutas políticas do Josué de Castro, a filha do Josué falou: você vai à Paris e não pode deixar de entrevistar o Milton Santos que ganhou o maior prêmio de Geografia do mundo. Ele é discípulo do Josué e está morando lá. Aí eu fui. Foi a melhor entrevista da minha vida.

**Rodrigo Fernandes:** Como um intelectual dessa grandeza é praticamente desconhecido no Brasil?

**Silvio Tendler:** O Brasil é muito ingrato com seus filhos. O Josué, o Milton Santos, são vítimas dessa brasilidade. O próprio Darcy<sup>9</sup> só ganhou relevância agora. Algumas pessoas que conheciam e gostavam dele resolveram fazer trabalhos sobre o Darcy, que agora está meio na moda. O Darcy era um cara abandonado. Guerreiro Ramos: ninguém fala dele.

---

<sup>9</sup> Darcy Ribeiro (1922-1997), educador, antropólogo e romancista mineiro.

**Rodrigo Fernandes:** Fora do ambiente acadêmico – e às vezes na própria Academia – eles seguem como ilustres desconhecidos.

**Silvio Tandler:** Verdadeiros heróis da pátria, pensadores da qual ninguém fala.

**Rodrigo Fernandes:** Me preparando para nosso encontro, li e assisti muitas das suas entrevistas mais recentes e em quase todas você cita o professor Milton Santos.

**Silvio Tandler:** Milton Santos mudou minha vida e meu cinema.

**Rodrigo Fernandes:** Como ele muda teu cinema?

**Silvio Tandler:** Eu fui filmar com uma máquina muito vagabunda e completamente despreparado para entrevistá-lo. Tinha lido apenas uma entrevista dele na revista “Caros Amigos”. Fui pautado para falar de globalização e ele na verdade me escolheu como testamenteiro. Ele estava com uma camisa toda colorida, uma cor não combinava com a outra...

**Rodrigo Fernandes:** O que não era usual. O professor Milton fazia questão de se apresentar de terno.

**Silvio Tandler:** Sempre terno, gravata, formal. Essa entrevista foi a última. Ele fez questão de dar a entrevista no laboratório dele na USP, não quis se mostrar de pijama, doente, em casa. Saiu de casa, sentindo dores, foi lá e me deu uma puta entrevista. Falou o que quis e eu com uma camereta Panasonic. Na hora eu me desesperei ouvindo aquele gigante falando aquilo tudo. Falei: “mas professor para quem o senhor está falando *isso tudo?*”. Ele apontou para mim, para minha câmera, e disse: “Estou falando para você. Com pequenos objetos também faz-se grandes coisas”. Mudou minha vida. Ele era um gênio. Hoje não tenho nenhum problema em gravar com celular.

**Rodrigo Fernandes:** Antes seu cinema era superproduzido.

**Silvio Tandler:** Antes tinha que ter produção, câmera, gravador... hoje faço com o celular.

**Rodrigo Fernandes:** Importa mais a mensagem.

**Silvio Tendler:** O que importa é a mensagem. Milton Santos era genial.

**Rodrigo Fernandes:** Muita gente, teve o primeiro contato com Milton através do seu filme. Inclusive eu, Ele está sempre rodando nas universidades. Provavelmente é um campeão de bilheteria sem bilheteria.

**Sílvio Tendler:** “O veneno está na mesa” (filme de 2011) nunca vendeu um ingresso e já foi assistido por mais de cinco milhões de pessoas. Cinema não é apenas venda de ingresso. Cinema é vida também. Precisa dos olhares de quem assiste. Esses dão vida ao filme.

**Rodrigo Fernandes:** Além da exposição do professor Milton, que ilumina questões muito complexas e intencionalmente obscurecidas pelos grandes *players* do capitalismo global, seu filme ganha uma importância extra porque os livros do Milton Santos não são fáceis. À exceção de dois deles, mais introdutórios – “O espaço do cidadão” (1987) e “Pensando o espaço do homem” (1991) – a literatura miltoniana exige muito do leitor. É densa e intimidante. Com o teu documentário fica mais fácil se aproximar do homem e da obra.

**Silvio Tendler:** Ele era uma pessoa difícil. Passei muito tempo para decodificar o que ele tinha me dito, para depois poder montar o filme. Naquela época várias pessoas se aproximavam de mim, pedindo para trabalhar comigo. Então, eu passei a fazer uma maldade. Dava para eles a entrevista do Milton Santos e dizia: vamos montar. As pessoas abandonavam na metade. Uns diziam “isso não dá filme”, outros “o filme já é isso aí”. Desistiam. Muita gente desistiu. Acho que fiz muita gente entrar para o cinema graças aos meus filmes e muita gente desistir do cinema graças ao copião da entrevista com o Milton Santos.

**Rodrigo Fernandes:** O filme tem uma hora e meia, mas a entrevista foi mais longa que isso, não?

**Silvio Tendler:** Foi. Ele era muito circunloquial. Falava, ia, voltava. Você perguntava alguma coisa, ele ia lá, fazia uma viagem, aí, no final, te respondia: isso é aquilo que você me perguntou. Como você apresenta isso ao expectador? Também houve muita resistência dos

miltonianos. Uma professora veio ver o filme aqui em casa e no meio ela mandou parar e disse “isso não é Milton Santos!”. Por isso eu dei o título de “Encontro com Milton Santos”, puxei para mim a responsabilidade do que estava ali.

**Rodrigo Fernandes:** Era o *seu* encontro

**Silvio Tandler:** Todo mundo reconheceu no final que aquele era o Milton Santos. Foi o trabalho de maior divulgação sobre ele. Ninguém tinha feito nada antes, porque as pessoas tinham medo dele. Medo de encarar ele.

**Rodrigo Fernandes:** Você filmou um tutorial para o Milton Santos antes de existirem os tutoriais.

**Silvio Tandler:** Ele gostava muito de mim, a gente tinha uma relação muito carinhosa.

**Rodrigo Fernandes:** Em 2013 você filma “Sujeito oculto na rota do grande sertão”.

**Silvio Tandler:** Teve um filme antes que considero o mais geográfico de todos: “Correndo atrás dos sonhos” (2004).

**Rodrigo Fernandes:** É aquele filme em que você acompanha o Projeto Tempo Livre do SESC <sup>10</sup>

**Silvio Tandler:** Eu vou para Paraty, vou para o Norte Fluminense, Sul Fluminense, Baixada Fluminense, eu viajo o estado inteiro acompanhando e filmando os grupos e as oficinas culturais.

**Rodrigo Fernandes:** É outro Rio de Janeiro. Não é o Rio de Janeiro dos cartões postais, não é o Rio da Zona Sul, das praias famosas, do Sambódromo. É outro Rio, com outros encantos e desafios.

**Silvio Tandler:** Outro Rio total! Foi um filme maravilhoso de se fazer. Conheci coisas que não conhecia.

---

<sup>10</sup> Uma iniciativa do SESC Rio que buscou “desenvolver iniciativas culturais no interior do Estado do Rio de Janeiro. No total, 27 quadras foram construídas em 25 municípios para acolher mestre e aprendizes de diversas artes” (CALIBAN, 2016).

**Rodrigo Fernandes:** “Sujeito oculto na rota do grande sertão”, de 2013, foi outra viagem geográfica.

**Silvio Tendler:** Eu queria falar dos 60 anos da boiada<sup>11</sup>, então comprei as fotografias de um fotógrafo da revista “O Cruzeiro”, que fez essa viagem com o Guimarães Rosa. Mas a filha do Guimarães me proibiu de usar as imagens e o neto, que tinha os direitos do “Grande Sertão: veredas”, criou caso. Aí eu tirei as citações do livro e no lugar usei uma entrevista em que o Guimarães falava as mesmas coisas. Também recortei nas fotos todas as imagens dele e deixei só os vaqueiros. Aí virou o sujeito oculto no grande sertão. O Guimarães Rosa não aparece, mas se você olhar direitinho ele está lá.

**Rodrigo Fernandes:** O filme é narrado pelo Milton Nascimento, não?

**Silvio Tendler:** Milton e Zezé Motta. Quer melhor? É covardia. Aquele filme foi um golaço. Golaço como realização cinematográfica. Eu gosto é de criar, gosto de inventar linguagens.

**Rodrigo Fernandes:** Em “Agricultura tamanho família: uma alternativa ao grande negócio” (2014), você aponta opções ao modelo de produção agroindustrial mais predatório, que no Brasil é fortíssimo.

**Silvio Tendler:** Eu mostro a pequena e média agricultura botando comida na mesa da gente.

**Rodrigo Fernandes:** É geografia agrária, mas também urbana, já que é o campo que alimenta a cidade. Não são espaços estanques, muito pelo contrário, são interconectados e interdependentes.

**Silvio Tendler:** Exatamente!

**Rodrigo Fernandes:** Em “O fio da meada” de 2019 você retorna à questão do território e ao uso dos bens naturais.

**Silvio Tendler:** Esse eu fiz com o Marcelo Firpo e a Marina Fasanello da Fiocruz. Eles estiveram na aldeia Munduruku, estiveram entre

---

<sup>11</sup> “Em maio de 1952 João Guimarães Rosa acompanhou uma boiada – conduzida pelo vaqueiro Manuelzão – numa viagem de 240 quilômetros pelo sertão de Minas Gerais, desde Sirga até Araçai, ao longo de dez dias” (CARNEIRO, 2022, n.p).



quilombolas. Culturas alternativas, formas alternativas de produção. Filme muito enriquecedor.

**Rodrigo Fernandes:** Formas alternativas não só de produzir, mas de viver.

**Silvio Tandler:** Produzir de forma sem ser predatória, viver de uma forma sem ser predatória. Foi muito bom ter feito esse.

**Rodrigo Fernandes:** Para terminarmos, há uma frase do Denis Cosgrove, geógrafo britânico que diz que “a geografia está em toda parte” (COSGROVE, 2012, p.219). Ela está também nos seus filmes. Seja dando visibilidade à vida e a obra de geógrafos como Milton Santos e Josué de Castro, seja tratando de temas e conceitos caros à ciência geográfica, como terra, território, globalização, agricultura, ecologia e agroecologia.

**Silvio Tandler:** Eu sou um geógrafo. Eu sou.

## Referências

CALIBAN, 2016. Disponível em: [https://caliban.com.br/blog/filmografia/\\_sujeito-oculto-na-rota-do-grande-serta%cc%83o](https://caliban.com.br/blog/filmografia/_sujeito-oculto-na-rota-do-grande-serta%cc%83o) Acesso em: 28 mar. 2025

CARNEIRO, Mariana. Há 70 anos, Guimarães Rosa fazia anotações sobre uma boiada. *Jornal da USP*. Online, 2012, n.p. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/ha-70-anos-guimaraes-rosa-fazia-anotacoes-sobre-uma-boiada/> Acesso em: 28 ago. 2024.

CASTRO, Josué de. *Geografia da fome. O dilema brasileiro: pão ou aço*. São Paulo: Todavia, 2022 [1946].

COSGROVE, Denis. A Geografia está em todas as partes. Cultura e Simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL (orgs.). *Geografia Cultural: uma antologia (1)*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2012. pp.219-237.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001 [1968].

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Sílvio Tendler: catálogo indisciplinado*. Rio de Janeiro: Lacre, 2020.

MELO, Marcelo Mário de; NEVES, Teresa Cristina Wanderley (orgs.). *Josué de Castro*. Brasília: Câmara dos Deputados, 2007.

MIRANDA, Luiz Felipe. *Dicionário de cineastas brasileiros*. São Paulo: Art Editora, 1990.

NETO, Antônio Leão da Silva. *Dicionário de Filmes Brasileiros*. São Paulo: A. L. Silva Neto, 2002.

O'DONNELL, Júlia. *A invenção de Copacabana: culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro (1890-1940)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

RAMOS, Fernão Pessoa; MIRANDA, Luiz Felipe (orgs.). *Enciclopédia do cinema Brasileiro*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo | Editora Senac São Paulo, 2012.

SANTOS, Milton. *Espaço do cidadão*. São Paulo: Nobel, 1987.

SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo, HUCITEC, 1982.

TENDLER, Sílvio. *Quatro baianos porretas: Castro Alves, Carlos Marighela, Milton Santos e Glauber Rocha*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011

### **Filmes citados na entrevista.**

AGRICULTURA tamanho família – uma alternativa ao agronegócio. Direção: Sílvio Tandler. Rio de Janeiro: Caliban Filmes, 2014. 1DVD (58' 55'')

CASTRO Alves – Retrato falado do poeta. Direção: Sílvio Tandler. Rio de Janeiro: Caliban Filmes, 1998. 1DVD (1h 10')

CIDADE Cidadã. Direção: Sílvio Tandler. Rio de Janeiro: Caliban Filmes, 1998. 1 DVD (17').

CONCEIÇÃO das Crioulas: vestígios de quilombo. Direção: Sílvio Tandler. Rio de Janeiro: Caliban Filmes, 2020. 1 DVD (31')

CORRENDO atrás dos sonhos. Direção: Sílvio Tandler. Rio de Janeiro: Caliban Filmes, 2004. 1DVD (19')

ENCONTRO com Milton Santos: o mundo global visto do lado de cá. Direção: Sílvio Tandler. Rio de Janeiro: Caliban Filmes, 2007. 1 DVD (1h29'20'').

FIO da meada. Direção: Sílvio Tandler. Rio de Janeiro: Caliban Filmes, 2019. 1DVD (77')

JOSUÉ de Castro – Cidadão do Mundo. Direção: Sílvio Tandler. Rio de Janeiro: Bárbaras Produções, 1994. 1DVD (50'18'')

NAS asas da Pan-am. Direção de Sílvio Tandler. Rio de Janeiro: Caliban Filmes, 2020. 1 DVD (110')

O VENENO está na mesa. Direção: Sílvio Tandler. Rio de Janeiro: Caliban Filmes, 2011. 1 DVD (48'58'')

OSWALDO Cruz – o médico do Brasil. Direção: Silvio Tendler. Rio de Janeiro: Caliban Filmes, 2003. 1 DVD (32')

PRETO no Branco, a censura antes da imprensa. Direção: Silvio Tendler. Rio de Janeiro: Caliban Filmes, 2009. Documentário dividido em dois episódios. Episódio 01 – A Censura antes da Imprensa (26'25"). Episódio 2: O ofício das Palavras (29'32").

RIO Republicano. Direção: Silvio Tendler. Rio de Janeiro: Caliban Filmes, 2000. 1DVD (5')

RONDÔNIA: viagem à terra prometida. Direção: Silvio Tendler. Rio de Janeiro: TV Manchete, 1986. 1DVD (53')

SUJEITO oculto na rota do grande sertão. Direção: Silvio Tendler. Rio de Janeiro: Caliban Filmes, 2013. 1 DVD (26'26")

VIVER em condomínio. Direção: Silvio Tendler. Rio de Janeiro: Grupo Servenco, 1993. 1DVD (17')

## Sites

<https://caliban.com.br/a-caliban> Acesso em: 28 mar. 2025.

<https://caliban.com.br/biografia> Acesso em: 28 mar. 2025.

<https://caliban.com.br/filmografia> Acesso em: 28 mar. 2025.

[https://caliban.com.br/blog/filmografia/\\_sujeito-oculto-na-rota-do-grande-serta%cc%83o](https://caliban.com.br/blog/filmografia/_sujeito-oculto-na-rota-do-grande-serta%cc%83o) Acesso em: 28 mar. 2025

Recebido para publicação em 21/05/2025

Aceito para publicação em 01/08/2025